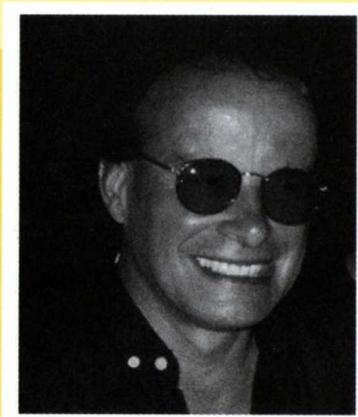


Paulo Roberto do Carmo

50  
POEMAS  
ESCOLHIDOS  
PELO AUTOR



*Edições Galo Branco*

50

POEMAS  
ESCOLHIDOS  
PELO AUTOR



Paulo Roberto do Carmo

50

POEMAS

ESCOLHIDOS

PELO AUTOR



---

*Edições Galo Branco*

Copyright © Paulo Roberto do Carmo

COLEÇÃO “50 POEMAS ESCOLHIDOS PELO AUTOR” – Vol. 21

*Direção:* WALDIR RIBEIRO DO VAL

*No frontispício:* Xilogravura de ADIR BOTELHO

Nossas homenagens a José Simeão Leal, criador dos “Cadernos de Cultura” do MEC, na década de 1950, em que foram incluídos alguns livros denominados “50 Poemas Escolhidos pelo Autor”.

DADOS INTERNACIONAIS PARA  
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C285c

Carmo, Paulo Roberto do, 1941-  
50 poemas escolhidos pelo autor / Paulo Roberto do Carmo.-  
Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2006.  
92p.; 21cm. - (50 poemas escolhidos pelo autor; v. 21)

ISBN 85-86276-99-5

1. Poesia brasileira. I. Título. II. Título: Cinquenta poemas  
escolhidos pelo autor. III. Série.

CDD – B869.1

Direitos desta edição reservados a EDIÇÕES GALO BRANCO LTDA.  
Av. Presidente Vargas, 482, sala 716 – Centro – Rio de Janeiro-RJ  
CEP: 20071-000 – Tel.: (21) 2283-1742 – Telefax: (21) 2253-8396  
E-mail: sac@edicoesgalobranco.com.br  
Site: www.edicoesgalobranco.com.br

---

*Impresso no Brasil*

*ROSA para além do tempo  
essas provas de linguagem  
por tanto amor*



*Dentro de minha mãe*  
CARMEN  
*habito a casa da memória*



## SUMÁRIO

Canto dos abraços .....	11
De tudo hei de pedir conta .....	12
Viver primeiro .....	13
Livro de preceitos – 1 .....	14
Homem inteiro .....	16
Padecimento .....	18
Andar com as palavras .....	19
Livro de preceitos – 2 .....	20
Agonia .....	22
Fome .....	23
Na partição dos pães .....	26
Eis o povo .....	27
Tambores da madrugada .....	29
Livro de preceitos – 3 .....	30
Canto das ceias .....	32
De amar .....	33
Revolução .....	35
Livro de preceitos – 4 .....	36
Canto das partições .....	38
Ousam os demônios .....	39
Os dias selados .....	40
Outra pátria .....	41
Livro de preceitos – 5 .....	42
Canto dos figos .....	44
Canto dos moinhos ascendentes .....	45
Livro de preceitos – 6 .....	46
Arte de revidar .....	48

Salmo do operário .....	50
Livro de preceitos – 7 .....	52
Agora sabemos .....	54
Outridade .....	55
Sedução .....	56
Quando eu não mais estiver .....	57
Livro de preceitos – 8 .....	58
Canto dos brios .....	60
Canto das provações .....	61
Canto das ânforas .....	62
Livro de preceitos – 9 .....	64
Canto das reconciliações .....	65
Canto dos acasos .....	66
Livro de preceitos – 10 .....	68
Canto da serenidade .....	70
Canto dos lodos .....	72
Livro de preceitos – 11 .....	74
Canto dos invernos idos .....	76
Canto das indigências e ufanias .....	77
Canto da casa reencontrada .....	79
Eis a vida .....	81
Livro de preceitos – 12 .....	82
Sou homem .....	84
O autor .....	87
Livros publicados .....	88
Algumas opiniões .....	89

## CANTO DOS ABRAÇOS

No limiar das pequenas revoluções que se levantam  
do cotidiano, recriar-te, mudando os hábitos,  
será a mais alta devoção.

Ser de sonhos e fratrimônios, não te habituarás  
à sucessão de sangue e desprezo e dor,  
nem poderás calar os disparos da manhã.

Quando muitos desertam no limiar das possibilidades,  
cabará a ti, enquanto a lua purgar a noite  
e o sol germinar o dia, continuar o manto tecido  
dos sentidos, ponto a ponto, na rotação dos fusos,  
até alegrar-se a esperança com o dia de amanhã.

Senão o sonho, argila e sangue que podes compor  
com outras mãos, muitas mãos solidárias,  
o que mais podes alicerçar na rocha?

Abre a boca,  
quando o Destino jogar uma tâmara, e planta sementes  
com mãos coletivas. Do que o dia permite, resta o abraço.

## DE TUDO HEI DE PEDIR CONTA

De tudo hei de pedir conta  
dos rumos no sextante  
do medo nos desvão  
do tédio no horizonte.

De tudo hei de pedir conta  
do orgulho, das culpas  
da cal viva do desejo  
dos óleos ferventes do ódio  
do exílio no vazio  
do fogo, da água  
dos loucos, dos defuntos.

De tudo hei de pedir conta  
limei a esperança  
o sonho, os punhos.  
Só das minhas palavras  
não dou conta.

## VIVER PRIMEIRO

Sentir primeiro, pensar depois.  
Perdoar primeiro, julgar depois.

Amar primeiro, educar depois.  
Esquecer primeiro, aprender depois.

Libertar primeiro, ensinar depois.  
Alimentar primeiro, cantar depois.

Possuir primeiro, contemplar depois.  
Agir primeiro, rezar depois.

Navegar primeiro, aportar depois.  
Viver primeiro, morrer depois.

## LIVRO DE PRECEITOS – 1

Como pode um homem gritar, se o Deus dorme,  
e dorme o mundo, e tudo dorme em tudo?

Quem há de acordar primeiro,  
arrombar a boca dos que calam,  
e se consolam na dor?

Se assolar, Deus pode; revidar pode o homem.

Entre o homem que colhe  
e o que semeia  
há um homem que sonha.

Não esperes, a roer as unhas do tempo:  
omitir-se de algum bem é engolir o mal,  
o mesmo que desfazer é não fazer.  
Se até os anjos desobedecem, não finjas  
que não sabes,propinando a alma.

O Destino  
se ateia como chama  
no interior da hora compartilhada.  
De tudo é capaz o homem,  
se for um sonho só:  
um sonho solidário.

O fogo que existe em ti, à cinza há de tornar.  
Mesmo que te enraízes no futuro,  
o presente que vibra de ti,

ao passado há de regressar.

Ainda que te entranhes no escuro,

a palavra que existe em ti,

outra palavra há de calar.

Mesmo que te enterres no sonho,

a dor que geme de ti, outra dor há de acordar.

Ainda que te semeias ao vento,

a hora que colhes de ti, o tempo há de velar.

## HOMEM INTEIRO

Fechar os olhos ao corpo  
é acender os candeeiros da alma.  
Sonho despido de argila  
a alma apenas respira  
é anjo feito de éter.

Atreve-te, e sê inteiro  
entra no sangue dos humilhados  
em suas veias semeia o futuro  
colhe a flor humana que se abre de ti –  
do perfume a vaziar embriaga-te  
e tão confiadamente, que acharás  
graça dos espinhos que te ferem.

Atreve-te, e sê inteiro  
com a palavra, com o silêncio  
engastado no tempo  
altaneiro aos ventos  
pára-raio nas tormentas.

Atrevido e inteiro  
não saberás mover-te partido  
grão a grão, dia de fome  
outro de sonho  
e na porção do tédio  
mais se perde o desejo  
a gotejar o que não dura  
nem permanece.

Na garganta das ampulhetas  
a embriaguez da esperança  
a pernoitar na alma  
e o tempo a mastigar-te  
carne na lava, até o osso  
e do fogo animado dos foles  
um sopro de liberdade  
que se encasula e espera  
crisalidando ao sol.

## PADECIMENTO

Se padeceres, alegra-te, não tenhas medo:  
da janela dos cárceres, no mofo dos dias  
entre noite e dor e vento, na leiva dos sonhos –  
ali, quando o amor se aproxima no vão da febre,  
no jugo da pedra, não serás só tu, se padeceres –  
somos muito mais que nós, e solidários no haver  
germinamos todos na grande labareda da Vida  
agora e na hora das cinzas de nossa Liberdade.

Se padeceres, alegra-te, não tenhas medo.  
Das bestas em tropel às aves do Paraíso  
as cicatrizes não esquecem do lixo-homem  
nem dos loucos onde a memória ferida supura em flor,  
e se o sangue não afogar a dor, ainda podes gritar,  
e só a palavra grita por nós, planta raízes  
agora e na hora do levante de nossa Verdade.

Se padeceres, alegra-te, não tenhas medo  
porque verás o futuro nas areias do tempo:  
ainda não percebes que o amor aponta caminhos,  
as portas se abrem de par em par, a Vida  
é bela, bela, e o gozo há de calar o pranto?  
Padecer mais não podes nos umbrais do Paraíso  
agora e na hora de nossas cotidianas mortes.

## ANDAR COM AS PALAVRAS

Andar com as palavras  
é romper o ventre das horas:  
em gotas de sangue dar-se à luz  
ganhando caminho, para fora,  
abrir o espaço, afrontando a solidão.

Andar com as palavras  
é regressar à pátria de geografias futuras:  
da árvore da alegria comer os frutos,  
abrir suas peles de sonho, lambuzar-se nos sumos,  
caminhar confiante rumo à aldeia dos homens.

Andar com as palavras  
é cantar em si a mais alta febre do desejo  
e cair e levantar sobre serpentes e culpas,  
sempre para diante, sem trégua, com ufanía,  
e mesmo rastejar até que asas brotem dessa dor.

## LIVRO DE PRECEITOS – 2

Não sabemos o que fazem os mortos,  
senão, por certo, que já não sofrem  
mal ou dor – por que então sofremos nós,  
nos cobrimos com sua sombra?

Por não temeres as palavras  
poderão até esfolar-te  
mas não te podem ferir  
porque não temes as palavras  
só não poderão roubar-te  
o destino que tem de ser  
porque não temes  
com tua boca não poderás  
beijar outras bocas  
mas o grito, o revide  
que é maior do que tu  
ninguém o poderá conter.

Sangue e dor acasalados  
dançam sob a música dos punhais,  
brincam de morrer, e cada manhã  
lavra-se a dor que na dor se habitua:  
do que floresce, colhemos a faca dos sacrifícios.

Nem começaste a nascer,  
e já queres entrar  
na eternidade das raízes?  
Se queres viver,

não morras mais.

Nenhum ladrão de tempo e dor  
há de bulir-nos impune os lutos,  
as feridas da alma, nem turbar  
no silêncio da madrugada  
nossos colóquios mais íntimos  
com Madame Lamort.

A vida que se doa à vida,  
emprenhando-a só de palavras,  
há de voltar-se contra si mesma,  
sedenta do próprio sangue.

## AGONIA

Se a vida está posta para ti, e tu  
posto diante dela, ergue a taça  
o sangue da Palavra – e dança e canta  
a transbordar o que de ti salta e grita.  
Depois, solene, veemente, acorda a alma,  
abre as cortinas do dia – deixa entrar o sol,  
arder na alegria o fogo do desejo – em agonia.

## FOME

Noite, amanhece em mim, noite,  
e faz do sonho um dia afoito.

Fome, debanda de mim, fome  
e faz do homem um sonho louco  
no golpear dos punhais, até o cabo,  
no calar da agonia, dai-me sede

o doer animal, a ferida aberta  
que nos encilha no lombo da treva

pela boca, pelos olhos, pela terra  
sempre vens, noite, e me queima a fome

sempre vens, fome, e me cega a noite  
sem que eu te chame fera e coice

sombra mendiga de mim, fome  
anjo maldito de mim, noite

sempre vens nos rastros do lucro  
saindo do lixo de todas as coisas

das árvores, dos bichos, do vento  
sempre vens, fome e sangue e noite

sem que eu te chame de mais-valia  
por tudo, pelos famintos, pelos noctâmbulos

onde o logro é culpa só minha e sina  
e máscara que me cala em qualquer ilha.

Não há mais tempo para me salvar nem  
matar-me de faca e tiro eu ousaria.

Não há lugar para a casa, as palavras –  
cheias estão as bilhas de medo, e da carniça

do amor os abutres comeram a alma,  
pisotearam nos quintos o inferno

a alma que se ia plantar ao deus-dará  
pela mão dos outros, pelo sonho dos outros

pela esperança dos outros engolimos  
o desprezo até onde podemos suportar

pelos rios de sangue corre a aurora, e o medo  
há de nos abrir os olhos sem ódio ao sol.

A dor há de nos purgar quanto mais resistirmos  
e tece o orgulho a manhã em cada dia de fome

e ousa, ousa quando a hora bater, mesmo antes,  
por tudo, pela noite, pelo sangue, pela covardia:

que a raiva dos deuses caia sobre todos,  
a Vida é ninguém, ninguém – não sabe calar!

Sombra mendiga de mim, noite,  
besta corcunda de crimes, fome,

anjo caído dos pélagos, noite  
touro a escarvar o estômago, fome,

e venta a dor até a hora chegar,  
morte-cachorra, morrer mais não podes.

Se não tu, fome, quem há de acordar  
a aldeia, mudar o rumo das estrelas?

Quando os olhos insones da fome  
olharem nos teus olhos, de suas caras

rudes, quem, senão tu, haverá de dizer  
que a vida transgredida ainda é possível

quando a hora chegar, e mesmo antes?  
A Vida é alguém, alguém – e não sabe calar!

## NA PARTIÇÃO DOS PÃES

Na partição dos pães  
no hábito pouco das palavras  
na memória carnal das ausências

no hálito empestado dos fantasmas  
que mal espera assento à mesa  
que dor surda espia das soleiras  
senão a fome, fome agourada fome?

No mesmo modo de andar e vestir  
e jejuar reconheces a costumeira vizinha  
de todas as horas, e já não te comoves!

## EIS O POVO

O povo não é feito de fome ou lágrimas,  
mas de pão, espírito e caminho. O sonho  
a seu ofício, a puxar o carro do destino,  
sem detença, senão diante das fontes  
da alegria, e ali demorar-se no coração.  
Eis o outro sonho, a investidura de outro ser,  
e nos limiões, de peito nu, a liberdade,  
a senha dos iniciados, as festas propiciatórias,  
o escambo do peixe, do vinho, as laranjas  
do tamanho de uma faminta aurora, e o povo  
em chamas, habitante do fazer nos estábulos  
da manhã, o povo a chamar-se em círculos,  
os braços carregados de coisas perseveradas,  
o povo a levantar-se ao chamado da própria voz  
e andar, andar em direção ao sol da tribo,  
que é feito de uma só árvore e muitas raízes  
entrelaçadas para o beijo entre seivas de verde-sangue.  
Eis o povo, por herança  
condenado a ser pisado  
e levantar-se do chão, pelas escadas do orgulho  
rasgar todos os tratados, os consensos do mal.  
Eis o povo a ouriçar-se como dos cardos ao vento  
a palavra-em-flor. Eis o povo a debulhar  
pela espada o trigo do tempo, que ora vibra  
dos feridos perfumes. Eis o povo, pelo levante  
hasteado dos punhos, como o fogo que se liberta,  
e mais cresce, a partilhar as fagulhas, de coração  
a coração, até gastar-se o círio dessa esperança  
que só amanhece a velar o que é morto, na dor  
desesperançada que sempre espera outra esperança

à margem oposta de um rio que não existe.

## TAMBORES DA MADRUGADA

Criar é percutir tambores na madrugada  
até acordar do sonho os espíritos famintos da alma.

Criar é medir forças com o Destino, encarniçar a vontade na crueza. O tempo tem pressa. O tempo não tarda. O tempo não antecipa. O tempo não espera. O tempo atrai o tempo que atrai a morte pelo fogo.

LIVRO DE PRECEITOS – 3

Entre o sonho e o desejo,  
perdulários do tempo,

preparamos os jogos da morte.

Cada homem  
pode tornar grande outro homem,  
basta ensangüentar-lhe o orgulho  
de humilhações amotinadas.

Nem os mais humilhados  
de seu orgulho  
podem ser despojados:  
os dormidos estopins.

O que seria de nós  
se as palavras não se encarnassem,  
anjos-pequenos avidamente esperados?  
Certamente nos converteríamos  
em estátuas de sal.

O eterno retorno  
das mesmas coisas cotidianas,  
como lãs sonâmbulas,  
nos faz sentir  
que é preciso mudar de casa,  
varrer da alma  
os mesmos hóspedes indesejáveis.

Quem nos dera ser,  
não pensar em nada,  
abrir-nos como as espigas  
em grãos de sol,  
não vendo o destino terrível.

Sentir que despertamos  
onde a eternidade adormece.

## CANTO DAS CEIAS

Não alimentarás esse desejo circular e cego, que tudo

suga nas ventosas, mais do que albergam as poucas  
necessidades. O desejo é fera a devorar a alegria  
das coisas; nasce velho e se rejuvenesce.  
E quanto mais desejamos, mais se distancia o desejado.

Criarás os desejos na coleira, animais domésticos  
nos quintais da alma; desobedientes, serão punidos  
com máscaras de flandres. Alimentados, virão lamber  
de tuas mãos o afago e procriarão, rebentos de novos  
[desejos.

E cada manhã irás ao redil, escolherás o de finas  
carnes, cheio de espírito, e o sacrificarás  
para o jantar à mesa da felicidade.

Para que serve o corpo, senão arder,  
fertilizar o outro, almar-se?

Criar é percutir tambores na madrugada  
até acordar do sonho os espíritos famintos da alma.  
Criar é medir forças com o Destino,  
encarniçar a vontade na crueza.

Porque nenhum homem há de se tornar o que sonha  
sem andar sobre brasas, queimar os pés, suportando.

DE AMAR

De amar,

contigo me desavim.

Por viver,  
comigo me desavenho.

Em penar,  
de penas me desalento.

Ao cantar,  
de mim me desgarrei.

Por conspirar,  
do mundo me desagravo.

Ao crer,  
de crenças me desalmei.

Em sonhar,  
de mim me desabito.

Por esperar,  
de esperança me desgracei.

Ao fugir,  
de mim me deserdei.

De amar,  
contigo me desavim.

Por viver,  
comigo me desavenho.

## REVOLUÇÃO

As bocas amordaçadas  
não estão caladas.  
A consciência  
não está domada.

Os ventres famintos  
ainda estão fecundos.  
A esperança ferida  
sangra no coração.  
A revolução que há de vir  
cristalizada no ar  
já não tem ouvidos  
apenas garras  
e armas azeitadas  
de baionetas ensarilhadas  
no peito aberto em dor.

## LIVRO DOS PRECEITOS – 4

Quem não frui o pouco  
mais leve que o ar  
como há de gozar o muito senão pela gula  
circular dos abutres?

Saltar da argila humana é preciso,  
enquanto os deuses ainda dormem,  
roubar-lhes os dons, os augúrios  
reinar sobre as paixões.

Fazer o mal consciente  
é expor à luz suas carnes de sombra,  
e com a palavra o apunhalamos.

Do que canta o meu coração  
nenhuma dor há de ser em vão,  
mas resina que o sustenta e anima  
até erguer-se a alma clandestina.

A paixão fruída, desumilhada,  
saltando de sua impaciência,  
entre uma presa e outra presa,  
é preferível à paixão sonhada,  
com suas artes de envenenar.

Depressa, rogo-lhe, o tempo corre,  
a alma não espera o sonho  
de braços mutilados plantar-se no vazio:  
é preciso fazer mais como homem  
do que falar como Poeta.

Pesamos avenças e desavenças  
as armas irreconciliadas  
o avesso e o direito  
e nos pomos a duelar  
com medo de nos possuirmos  
na mesma voz, no mesmo sonho.

## CANTO DAS PARIÇÕES

Na tarde do décimo-oitavo dia  
da brotação de tuas penas  
se a palavra não gritasse a dor que se padece,  
não exaltasse as promessas que saltam do

[nunca resignável  
das coisas, quem saberia de ti neste mundo, os olvidos?  
Senão a palavra, e seu rubor, quem tomaria de assalto  
essa vida tão comedida? Quem suscitaria, dos sonhos,  
os brios de sangue, a força do espírito erguendo os  
[punhos,  
os ventos medianeiros, as graças, este mudar-se por  
[noites  
e dias, este semear-se e colher antes que o sol decline  
no ardil das horas? Sobre os relógios do corpo saberás  
que é chegado o tempo eriçado, o tempo de iniciar-te  
[nas parições.

## OUSAM OS DEMÔNIOS

Sobre anjos e homens ousam  
os demônios. Como de um morto  
saqueiam, de seu silêncio, a palavra.

Andam no meio de suas chagas como  
de um jardim, excrementam os juro  
de sua ganância, apunhalam suas flores.

Erupção de nojo, envergonham o desejo.  
No sopro dos foles, os demônios atiçam os cães  
da humilhação sobre os que mais padecem.

Sopro de ira, não de sonhos, os senhores  
da fome e do lucro, da carne e dos grãos  
pesam injustas balanças, e do valor das coisas  
gotejam os pobres sumos, as grandes arrogâncias.

## OS DIAS SELADOS

Selados os dias, a promessa de outros exílios:  
os olhos não se fartam de ver,  
sem enxergar; nem a boca de falar,  
sem nada dizer; a vida não se farta

de sonhar para dentro, os avessos;  
nem o sonho de viver para fora,  
os espelhos. De repente surpreendemos  
a alma abandonando a terra – a carne  
que podia ter sido – se o sonho fosse outro,  
ou, pelo oco de sua sombra, o enchesse  
de sentido, o animasse ainda de sangues  
ébrios, a promessa de outras ressurreições.

Mas o sonho não tem fim. Nem a solidão.  
E terra e sangue e vida nunca se fartam.  
Só a alma nos reconhece, e espera, espera,  
janela aberta ao infinito, e celebra  
as núpcias da palavra e do espírito.  
Selados os dias, a promessa de outros exílios.

## OUTRA PÁTRIA

Toda saudade é um eco que rema  
em círculos para o fundo das águas  
do sonho, e emerge, desde o primeiro  
lume da madrugada, a boca cheia

de palavras, os feitos, os afazeres,  
as promissões – e rema, rema e vai  
em busca da implorada saudade de outro  
humano, de ouvidos que ecoem o riso,  
a lágrima. É assim que o coração  
atura o ofício de expulsar o sangue,  
o trabalho dos batimentos. É assim  
o coração, ecoante chama úmida  
a remeter pelos gargalos de um  
cântaro os dardos desejantes de um  
outro nome, de um outro sonho  
a fecundar-se de muitas mãos ávidas  
por sobre ombros de outro humano,  
nos apelos de estratégicas conjuras,  
levantadas para o mesmo Destino  
que se encilha como a uma estrela,  
como a um cavalo, e partimos  
nos ritmos do sangue, de pústula  
em pústula, para outra pátria  
de muitos desejos que nunca se fartam.

## LIVRO DE PRECEITOS – 5

Não se pode esconder  
o sol dentro da alma,  
nem a palavra, calada.

Todos esperam de tuas narrativas  
as pelejas, feitos, cicatrizes,  
os sonhos fundidos em espada,  
as paixões palpáveis.  
Porém esperam em vão:  
lutas para dentro.

Que coisa é o ciúme,  
com suas decepções, recusas, desprezos,  
senão ira, ira com dentes de tigre  
a roer os próprios ossos?

A humilhação sabe-se,  
a desobediência aprende-se  
– e nos move!

Perdida a palavra,  
perdidos o sonho e o revide,  
que nos fica senão o tédio,  
o nojo consentido?

O Poeta mastiga a dor  
antes de a gritar  
nas cordas medidas do coração.

A dor que não se comunica  
é dor mais que dor,  
e dói mais que tudo.  
Anda sem nome,  
anda sem rosto  
e se engole como fogo.

## CANTO DOS FIGOS

Na manhã do sétimo dia  
da brotação de tuas penas  
estenderá o arco até romper-se a corda, e a seta  
disparada ferir desta vida o sonho que nasce

de outro sonho e acorda, de carne e osso, na hora  
primeira de outra vida aqui na terra, a alma alvorecida  
[com olhos por dentro.

Do fogo irrompido, é a grande indignação  
que se levanta e resiste em ti, esse inquietar-se  
ao começar o dia, a vida que se fabrica, a vida  
que aprende dos logros de ontem, se reinventa,  
e dos estrumes a fermentar ao sol, a rosa íntima.  
É de palavras indignadas que se fertiliza a terra.

Na tarde do sétimo dia  
da brotação de tuas penas  
de tudo duvidarás com a alegria desafiante  
de quem nada exclui, pois é na terra fértil  
das dúvidas que germina a dúvida primeira  
das últimas verdades, e que só podes agarrar  
[depois que passam.

Dos dias juntará os fragmentos da dúvida,  
a vida que se colhe de seu útero prenhe de  
[paixões e risos,  
restos e fetos da Esperança que tudo posterga  
e espera no meio do caminho, genitálias ao sol,  
a oferecer-nos, com a foice em riste, o amanhã,  
os figos do paraíso, os búzios, entre círios e guizos.

## CANTO DOS MOINHOS ASCENDENTES

Nada no mundo está determinado. De tudo sofrer,  
é que te alegrarás; de tudo esperar, é que acharás;  
de tudo suportar, é que libertarás das manhãs

que se levantam de ti, o fervor mais alto, o que há de resgatar a perda – e com ela, nova paixão. Saberás que em ti a semente não é a flor, mas razão da flor, a mesma razão que alimenta os pássaros no fervor das manhãs; que o homem não é dor, mas passagem dessa dor precária que o arrasta de roldão, dos limiares para a felicidade. Saberás que em ti a flor é razão do fruto.

De tudo duvidarás com a alegria desafiante de quem nada exclui, pois é na terra fértil das dúvidas que germina a dúvida primeira das últimas verdades, e que só podes agarrar depois que passam. E quem pode dizer em que grau arde, arde bem pouco no óleo das horas.

Sofrer mais do que se pode suportar é aprender a humilhar a dor até solver-se a carne na carne, clarear-se o escuro na luz, e exausta a dor, libertar-se no espírito. Lutando saberás que não há derrota possível, nem temerás a coragem que espera em ti, e grita e alumia sobre o que é e o que há de ser, o gozo depois da grande dor, a alegria em rebentos de sol, pois tudo passa, e dentro de tudo a alma-em-flor é tua casa, respira em ti, e canta num só cálice a Vida. Nada deixes calar, nem o anjo e seu fervor, nem a palavra.

## LIVRO DE PRECEITOS – 6

Se tudo o que existe  
em todos está contido

(as graças, as vilezas)  
e a cada um cabe sua parte  
no ofício de não ser em vão,  
por que nos expulsamos,  
por que nos deser damos?

As paixões não açoitam  
a quem já está morto  
na carnagem das horas,  
medido e morno.

Se todos somos feitos  
da mesma argila,  
amassados no mesmo barro  
e jogados na vala comum  
inundados de esperança,  
por que não partilhamos  
as mesmas paixões,  
as mesmas culpas?

Tudo suportamos:  
a fome a humilhação a vergonha  
no entulho das horas – e resistimos.  
Pela palavra damos nome às coisas,  
e nos mantemos vivos.

Escuros são os caminhos da poesia:  
no tear das palavras quer parir a vida  
que um dia seria se engano não fosse  
ou tecê-la fio a fio na goiva dos sentidos  
que pedra seria se paina não fosse

mais que fantasia, anjo-funâmbulo,  
desejo que não se acaba  
a sonhar sonhos de areia.

Os deuses  
mordem a alma dos humilhados,  
põem-lhes febre no coração,  
para que se rebelem.

A violar os selos, o poema  
moureja na argila bruta  
para que a palavra seja.

ARTE DE REVIDAR

*Para Carlos Nejar*

Cada lume de memória  
do tempo em que vivi  
é um fogo não-extinto.  
Cada sonho, cada punhal  
do tempo em que me assassinaram  
é um fogo que não se extingue.

Cada pedaço de chão  
em que piso,  
à beira do abismo,  
com minhas botinas  
de trigos futuros,  
é um campo de honra.

Cada casa que levanto  
com a escultura das mãos,  
a argila amassada  
com suor de alma  
e a resina destas magras tíbias,  
é uma casa de honra.

Cada máquina que fabrico  
com o motor dos músculos  
e os parafusos de meus dedos,  
engrenagens e girassóis  
que se movem para nenhum lugar,  
meus afogados ossos  
nas graxeias de um sonho inútil,  
é uma máquina de honra.

Meu sustento é o futuro.  
O presente, como quem sonha de águias  
entre chacais,

é o sangue derramado do cordeiro,  
que eu nasci com esse caos.

## SALMO DO OPERÁRIO

Falo, Senhor, das mãos suadas do operário  
que alimentam aves de rapina  
criadas nas estrumeiras patronais.

Falo, Senhor, das mãos engraxadas  
semeando na ventania a nossa dor.

Falo, Senhor, das mãos calosas  
que ainda cantam e sangram por suas unhas  
fincadas no ombro insubmisso da liberdade.  
Falo, Senhor, deste meu povo que geme e cisma  
pelas bocas caladas do estômago  
pelas máquinas desejantes do lucro.  
Falo, Senhor, do operário como charque  
espedaçado ao sol, presa dos abutres  
nos varais das fábricas, nos arames farpados.  
Falo, Senhor, do orgulho sublevado dos mansos  
das baionetas ensarilhadas do ódio  
que apunhalam a sombra precária dos sonhos  
mas não ousam reconciliar o açoite com a mão.  
Falo, Senhor, da mão reconciliada com o braço  
a manar pássaros dos porões para a liberdade.  
Do braço com a cabeça que governa o açoite  
e sacrifica o bezerro imolado por nossas culpas  
sob um berro de sangue tão morrido no coração.

Talvez, Senhor, uma esperança qualquer  
mal-agourada de presságios  
e estremunhando na aurora  
desperte o anjo de seu pavor  
a hora de seu torpor  
a vida de seu tutor  
e o operário, Senhor, de sonhos amalhados  
cante pela vez primeira.

## LIVRO DE PRECEITOS – 7

Sobre as horas mortas,  
na soleira dos horizontes  
passam os cavalos da eternidade.

Pela desmedida  
partilhamos a desobediência com os deuses.  
Pela razão erigimos grão a grão  
as pedras da conformidade.

Alquimista, só hei de falar  
do desejo irrevelado das coisas.  
Do que sei, cal inútil, eu calo.

Caído das trevas, foste criado  
para servir e honrar as palavras,  
nutri-las nos serpentários  
e largá-las ao mundo,  
semoventes sinais de interrogação.

Os deuses passeiam na alma.  
Se não se manifestam  
é porque sonhamos só para dentro.  
Não aprendemos a acordar.

Afia as palavras  
como o soldado o gládio  
para o ajuste das contas.

O poeta  
come da árvore da vida  
os frutos vassallos da palavra,  
e cospe sementes de orgulho.

## AGORA SABEMOS

Agora sabemos que o medo  
é a delação dos submissos  
a culpa antes do delito  
o turvo, o sem peso nem cor  
o desterro, murmúrio de prece  
orgulho menos que dor  
onde a aranha tece  
de suas vísceras a hora

possessiva e breve  
de o sonho erguer o salto  
e começar o dia, e sem pudor  
o desejo mais que febre  
morde o absinto rubro-de-alma  
é a vida que se desprende  
e rasga o ar a claridade  
da própria pele  
e fere o instante a fome  
que insiste dentro dela  
é quando depois pelos flancos  
os deuses persuasivos  
os deus implacáveis  
engolem a comida dos outros  
e nos debruçamos na janela da manhã  
para ouvir dentre as teias soltas  
da névoa o gemido das coisas  
os sismos, as lavas, os gritos  
de Eva, possuída e louca,  
o amor que não acaba e pede mais  
sem a culpa depois dos delitos.

## OUTRIDADE

Basta de esperas. Basta de esperas.  
De fingidos sonos de árvores caídas  
é que o fruto não se apartará, nem  
tua fome ele há de saciar. A mover-te  
no assalto a ermidas proibidas,  
como quem fustiga a harmonia  
do mal de entre bosques sagrados,  
a pisar forte com tuas botas

profanas, é que perderás  
os fantasmas da inocência  
e verás, quase morto,  
a vida outrar-se  
o tempo todo, o sopro todo  
como se o sonho não se cunhasse  
em sombras mas em moedas  
titilantes de sol.  
Mesmo de rastos, no escuro,  
feito presa em palpos  
de duras tenazes, que te sugam,  
te cobrem de cuspidas peçonhas,  
verás, com a alma em chagas,  
a vida outrar-se.

## SEDUÇÃO

Mas é sempre outra coisa a espera.  
A saudade, oco engano, e das migalhas  
o abandono, o silêncio, como um tubarão  
a rondar o rumor do sangue, e da náusea  
das palavras abortadas eis que acena  
a mão, a naja dos olhos de estranha  
mulher, e um botão de seio a debruçar-se  
da varanda esquerda, simulado e felino,

rosa a seduzir-te, deixando apenas  
dos perfumes o rastro, os langores  
de um sonho carnal, os primeiros galopes  
de um orgasmo anunciado, a dançar  
na ventania entre pirilampos e polens  
e a flor que se abre chamando a alegria  
de suas pétalas por entre línguas de sol.  
E o sangue nos trepadouros do corpo  
escoiceando-nos o ventre pela força  
da fome de todos os elementos, rumo à foz,  
rumo às comportas que não se pode explodir.  
Flor de cardo entre a esperança e o nada  
(que é outra esperança), a deixar-nos levar  
pelas correntes, morremos de saudade, e tudo  
o que resta é a espera, sempre a espera  
sob a fria sombra duma nuvem qualquer,  
inviolável como o tempo futuro, e como  
o espírito, que não se deixa ferir por nossos  
pobres punhos, por nossas pobres palavras.

## QUANDO EU NÃO MAIS ESTIVER

Quando eu não mais estiver  
consumado o sonho  
sob um pêndulo silente  
que se congela no ar  
e exalar sândalo  
pela boca de um vaso de sombra  
quando eu não mais existir  
traspassado por um sono

apetecido de dor  
e arfar à espreita do gesto  
que não mais se ergue  
quando eu não mais estiver  
restará ao menos uma canção indignada  
fruto legado ao orgulho que me perdeu  
para dizer, antes que eu murche dentro da noite,  
a morte nunca será maior que o meu desejo  
quando eu não mais existir.

## LIVRO DE PRECEITOS – 8

Há um só sentido na dor:  
o de resistir  
enquanto mudamos de dor.

Para que não apodreçam,  
oferece tuas carnes  
aos tigres cativos da alma,  
e ela se libertará.

Só é excluído dos frutos  
da árvore da vida  
o que se exclui de si mesmo,  
ruminando a própria culpa.

Se para que nada te falte,  
dou-me eu próprio,  
então já não somos dois,  
mas uma só dor  
que outra dor alivia.

Os que não criam, desavindos,  
cavilam  
formas infernadas de morrer.

A dor de alguns tudo suporta,  
não conhece limites,  
para que outros se regozijem.

Caça as palavras com redes  
de arrasto e cães de faro,  
e foge, ao encalço de ti mesmo.

Deus  
te concedeu o sol e a palavra,  
e um barril de pólvora  
para não calares a boca.

## CANTO DOS BRIOS

Com as palavras colhidas pelos sentidos,  
e abertas em flor, afagarás a dor tanta,  
essa cadela mansa que se adula com um sorriso,  
e das coisas de viver a dor será tua companheira  
doce e servil como a irmã nuvem obedece ao vento.  
Só é preciso mudar os hábitos, chamar o alento,  
[orvalhar-se na alegria.

Sofrer mais do que se pode suportar  
é aprender a humilhar a dor, dar-lhe ganas  
de transida esperança, dar-lhe chagas, pastorear  
essa dor pelos charcos floridos da solidão comum  
até solver-se a carne na carne, clarear-se o escuro  
na luz, e exausta a dor, liberar-se no espírito.

Não conhecerás o futuro porque és livre  
e o porvir se tece por vontade de tuas mãos –  
no fazer – e se a felicidade teima em esconder-se  
é com o suor da alma que a desencavamos  
na fuligem das horas, enquanto o deus  
agoniza, dos visgos de seu umbigo renascemos.

## CANTO DAS PROVAÇÕES

A medir a solidão suportarás, nas brasas, as setas  
desferidas contra ti, como quem espera a alegria futura  
de beber o suor da verdade no côncavo das mãos.  
Aprenderás que a paciência dos que suportam é semente  
da árvore da provação: amadurece no padecer e cresce  
porque ouve a voz de quem nos chama no rumor das

[alturas.

Dos rios, amotinados de suas margens  
aprisionantes, libertarás a paixão. Das águas  
prometidas cavarás os atalhos, lavrarás  
o desafio, a transgressão. E não há razão  
ou lei que cale o sangue. E o revide,  
nos foles do coração, espera nos desvãos.

## CANTO DAS ÂNFORAS

Na manhã do oitavo dia  
da brotação de tuas penas  
desejarás, não os bens que faltam, mas alma  
que espera em ti, e ainda não se revelou, finar-se  
inteira no abandono por tanto amor não convocado.  
Para que serve o corpo, senão arder, fertilizar o outro,  
[almar-se?

Natimortas para a eternidade, rejeitarás das coisas  
a vaidade que se perde antes mesmo de sua finitude.  
E ganhar ou perder é sempre vender-se no mercado  
dos homens. Saberás colher dos frutos duráveis o sabor  
que se impregna na felicidade, ali, onde não existe  
tempo, e se multiplica de boca em boca de ti para o  
[outro em novos sabores.

Na tarde do oitavo dia  
da brotação de tuas penas  
para não perderes os herdados rastilhos não almejarás  
mais do que podes sentir, e o bem que se faz a si próprio  
é o mesmo bem que se faz a outro, assim como se verga

a árvore nos abraços para o gozo comum dos frutos.

Que ser estranho é este que nos murmura ao ouvido  
a dizer que tudo é possível com um pouco de vontade,  
e que nos move no sonho, na vigília, até mesmo na morte  
para uma sorte qualquer? O mundo todo planta raízes  
na geografia da casa, e dentro dela a vontade é o degrau  
primeiro da escada que leva à soleira do ser mais alto.

Fabricarás na oficina dos pressentimentos a matéria  
de ti mesma, a animarás com o espírito de outro destino  
a pedir pousada: as alegrias tamanhas, a dor por testemunha.  
E quando pela treva espessa dobrarem os sinos da manhã  
ressurgirás, bebendo no sol, sobre os escombros de ontem.  
Assim, dentro de outro, mais perto de ti, sairás de casa.

## LIVRO DE PRECEITOS – 9

Os deuses bebem o sangue  
dos indiferentes. E cantam  
pela boca calada dos mortos.

A fome espera nas madrugadas  
construir os dias e os sonhos,  
mas ninguém responde,  
nem o sol se põe à mesa.

Mesmo varado a baioneta,  
ainda não sofres toda a dor,  
e não podes provar tua resistência.

Nessa vida transitória

agarra o inesperado  
pelas crinas, e monta-o.

Senão pelo sortilégio  
de certas palavras invocatórias,  
não conhecerás a verdade que se oculta  
entre a alma e tua máscara.

De coração para o avesso,  
desentranha-te.  
Com alguma vergonha,  
deixa-te ver com os olhos de outro.  
Levanta-te dos espelhos, e anda.

Sangremos juntos,  
e a vida não se coagulará.

## CANTO DAS RECONCILIAÇÕES

Na manhã do décimo-primeiro dia  
da brotação de tuas penas  
largando as peles de tantas vidas não consumadas  
no destino que passa veloz sem parar nas estações  
perguntarás de que servem tantas horas, os dias,  
tantos anos, senão quebrar os cântaros lacrados  
do sonho, e dos estilhaços organizar o tempo,  
as vidências do sangue contra a dor, libertar  
um deus qualquer cansado de sua infinitude  
que de repente abrisse os olhos, o tempo todo  
em armas e rosas na palavra a despregar-se  
da cruz, crescendo entre os homens para acordá-los.

Reconciliarás agora o antes com o depois  
se aprenderes a desprezar o tempo, e seus rancores.  
É dessas águas que fermenta o pão vivo da palavra  
que nada diz, e tudo cria em seu íntimo florescer,  
mesmo se é dor ou espera, ou ainda o perder-se  
[no escuro  
sem nem haver partido: é dessa fonte que nos  
[banhamos no limiar de tudo.

Nada no mundo está determinado. De tudo sofrer,  
é que te alegrarás; de tudo esperar, é que acharás;  
de tudo suportar, é que libertarás das manhãs  
que se levantam de ti, o fervor mais alto, o que há  
de resgatar a perda – e com ela, nova paixão. E se Deus  
permanece escondido, é porque arrebatou dos homens  
[a palavra, os revides.

## CANTO DOS ACASOS

Na manhã do décimo-quinto dia  
da brotação de tuas penas  
excluirás das cotidianas esperas os deveres fúteis,  
os que amortiçam as diferenças, tudo encobrem,  
os deveres pousados sobre o sonho como aves de rapina  
devorando-lhe as entranhas para que Eros não se exalte  
[e dance nas madrugadas.

Onde há sonhos, há poesia: mas o sonho maior é  
[amanhecer,  
e amanhecendo andar com as palavras pelos vales,  
[pelo montes,  
pelas aldeias, com o povo a levantar-se de alma nua,  
[o espírito

descalço, revidante nas irreverências, que o homem  
[sobrevive  
consumadas as revoluções antes que o sonho entardeça.  
Onde há sonhos, há poesia: mas o sonho maior é  
[amanhecer.

Na tarde do décimo-quinto dia  
da brotação de tuas penas  
não constrangerás o desejo como um rio mais se afunila,  
oprimido por suas margens. Do alto das crateras, de ti  
as lavas virão descer, semoventes, sobre as águas –  
e nada restará desse abraço entre razão e desejo  
senão o olho complacente de uma nuvem  
eterna que não podes apalpar. Coxa e cega, conhecerás  
a ti mesma se libertares os teus encarcerados.  
Ao subires a montanha avistarás os futuros  
prometidos, e no abandono dos casulos os primeiros  
vãos vicejarão. Aonde te chama o fervor, ouves a  
[mulher, e cumpres.

## LIVRO DE PRECEITOS – 10

Só a um confessor  
tudo pode ser revelado,  
e que nos acolhe com sabedoria:  
a ignorância.

Se queres de fato ver  
vaza os olhos do orgulho.

Agarra o desejo pelos chifres  
e deixa-te arrastar:

ainda há tempo e ocasião.

Do que vale a alma libertar-se,  
se não provou as seduções  
do pecado original?

Quando todos calam  
e se fingem de mortos,  
só a dor quebra o silêncio;  
e não há solidão quando  
se a interroga aos gritos.

Deixa que te culpem.  
Não faz mal que todos te mordam.  
Só é preciso não perder a palavra.

Guarda-te das palavras  
cujos ventres não arfam,  
nem rompem amarras.

Em vão esperam as palavras no morto.  
E porque ninguém nunca as ouviu,  
agora exalam um odor de culpas podres.

## CANTO DA SERENIDADE

Na manhã do décimo-sexto dia  
da brotação de tuas penas  
moldarás a angústia em dúvidas, a dúvida  
em crise a fermentar-se do êxtase e, na serenidade  
de tuas mãos, ali onde sombra e luz se tocam,  
acasaladas nas vibrações de outra voz, começarás

[a mudar o destino.

O dom primordial é o quinhão de vida  
que se pode partilhar no comércio das almas;  
a palavra, a senha que a todos reúne na arena  
das mesmas conjunturas, e quando os feitos se erguerem  
altivos de mãos atarefadas, as palavras perderão  
a força, não mais apartando o homem de sua humanidade.

Na tarde do décimo-sexto dia  
da brotação de tuas penas  
para que não apodreças, calada, e exales,  
a encher a boca de sal, galgarás os degraus  
dos sentidos. Dos cheiros da terra, perfumarás  
de lavanda os poros nas lunações, de ouro, a pele  
ensolarada. Brincando nos cachos, lambuzarás  
a boca de amoras. De tanto estudar o vôo dos pássaros,  
dos sonhos brotarão asas. De ouvir as águas, os ventos  
erodindo a pedra, cultivarás com o ócio da serenidade  
o dom das metamorfoses. Com os dínamos do coração  
iluminará pelas artérias o sangue corrente nos bulbos  
[da alegria.

Na noite do décimo-sexto dia  
da brotação de tuas penas  
não temerás as desavenças – é com elas que a alma  
se fortalece, o espírito aprende a desobedecer,  
e o corpo começa a cantar dentro dele. Com as  
[desavenças  
o amor de repente é toda persuasão e força a dançar  
[por todos nós.

Dos haveres da casa só cuidarás do fervor,  
do cotidiano ainda lúbrico de alegria cuidarás  
de esquecer os direitos e deveres; servirás o pão  
e o vinho sobre o alvo linho das propiciações.  
Não permitirás que o sonho adormeça sem antes  
[construir  
a ala esquerda de tua morada, o lado dos instintos.

## CANTO DOS LODOS

Na manhã do décimo-sétimo dia  
da brotação de tuas penas  
se o fervor arde ao pé da esperança e o desejo  
quieto e faminto espera como fera enjaulada, quem  
te proibirá de ver, sentir, fazer – além das grades –  
o mundo que podes ver e sentir e fazer, se é a alegria  
que te arrasta na mesma chama em que lavras a manhã?  
Se procuras o outro em ti, não encontrarás ninguém,  
baterás à porta de uma casa vazia – é fora de ti,  
no mundo, que todos se movem e dançam, estendem  
[pontes e,  
entre sete brindes de fervor as promessas se cumprem  
mesmo antes de anunciadas, e as almas se afagam dentro  
[dos abraços.

Na tarde do décimo-sétimo dia  
da brotação de tuas penas  
se acaso perderes de ti os caminhos, errante e erma  
na dissipação dos tempos, refaz as pegadas ainda frescas  
da infância. É nessa peregrinação reversa, buscando  
a ti mesma, que encontrarás o sol das primeiras manhãs.

Ali, os horizontes dançam ao pé das fanfarras, sorriem,  
de tão próximos podes tocá-los, pular sobre seus ombros  
para o outro lado dos sonhos e ver a face dos princípios.  
O que não se cria na infância ou respira na argila a saltar  
das formas como quem se excita pelo desejo de suas fomes  
na mesma sede peregrina, não está no mundo nem nunca  
[se perde.

Na noite do décimo-sétimo dia  
da brotação de tuas penas  
secarás as lágrimas que pesam, pesam encharcando  
as penas se voares contra o vento de quem busca,  
como as águias, na agonia, os caminhos mais altos.  
Aprenderás a saltar dos abismos, e na queda cairás  
[dentro de ti.

## LIVRO DE PRECEITOS – 11

Somos feitos  
para nos devorarmos depois da sedução,  
não para nos amarmos.

Se não enterrares os teus mortos,  
o que podes criar de novo?

Todas as coisas  
esperam  
ser persuadidas.

Não haverá outro Destino  
senão cavar e cavar  
nas areias movediças

da Esperança?

De agora em diante  
tangerás a dor  
como o animal ferido,  
a ocultar dos abutres  
as futuras carniças.

Depois de rastejar  
ergue o vôo, e voa alto,  
o mais alto que podes voar  
até que asas nasçam de ti.

Se não podes ressuscitar os mortos,  
ressuscita a ti próprio.

Agora sabes,  
como os revolucionários e os loucos,  
que estar vivo é desumilhar-se.

## CANTO DOS INVERNOS IDOS

Não irás julgar-te por tuas próprias palavras,  
ou pela opinião dos outros, mas por tuas mãos,  
mãos que fazem e desfazem, afagam e agridem.  
Se queres alcançar a palavra com outra palavra, os feitos,  
o salto sobre a indiferença toldando a dor, terás  
que desviar-te das balas, dos punhais, enquanto regas  
[uma rosa nos interregnos.

Na noite do décimo-nono dia  
da brotação de tuas penas,  
para não tombares de tédio ou fome, às vezes é preciso  
subir aos altos cumes da prudência, e esbofeteá-la.  
O mal é inocente porque não conhece a face mais insolente  
do bem: nos habituamos, não quebramos a hora insípida  
[do mal que nos submete.

Há palavras que semeiam, colhem, nos devoram.  
Outras, nos presentem por um breve instante  
de alegria ou dor, depois nos excluem pela discórdia  
ou pela paixão. A palavra é o homem e seu exílio:  
que se indignem de nós, poetas, por tais provações!  
Há palavras que semeiam, colhem e nos libertam.

## CANTO DAS INDIGÊNCIAS E UFANIAS

Na manhã do vigésimo dia  
da brotação de tuas penas  
exercitarás o espírito caminhando, de manhã,  
pelas ruas da alma; à tarde, nadando  
nos açudes do coração; à noite, embriagarás  
o sonho. Com as carnes por fora, vendidas  
a peso nos açougues, aprenderás que a ganância  
é a morte da alma. Com as provisões para o inverno,  
por tuas mãos o necessitado acolherá o aflito,  
e os bens acumulados se revelarão aos humildes,  
impacientes de espírito. Cultivarás as pupas  
[da esperança,  
e das crisálidas alas futuras irromperão, orvalhadas  
pela manhã.

Na tarde do vigésimo-dia  
da brotação de tuas penas  
o que está na boca de Deus, pela palavra,  
entre vermes e anjos, da indigência às ufanias,  
[pode mover  
por graça de tuas mãos, para diante, os moinhos,  
[as rodas do mundo.  
A perseverança deixa rastros: carne e alma confundidas,  
[teus pedaços fumegantes.

E quanto ao que não podes fazer, as eclosões da sorte,  
grava na pedra, que outros, os sobreviventes, os herdeiros,

farão por ti. E a hora de partir chegará quando o sangue  
emudecer as palavras como um sonho que tomba de ti,  
[quando  
as serpentes do nada... de repente. Ordenarás à alma,  
[aos anjos  
da natureza, calcando as patas sobre o desejo ainda vivo,  
[que cumpram os prazos.

Ao fim dos prazos, na comparsaria dos mesmos sonhos,  
o que é humano aprenderá a resistir na agonia, e os  
[horizontes,  
como o lobo e o cordeiro, virão confiantes beber da  
[mesma água,  
da mesma graça. Passando de mão em mão a senha,  
e de tanto sangrar da carne da terra e semente viridante,  
é que aprenderemos a subir pelas andas da esperança,  
[ombro a ombro.

## CANTO DA CASA REENCONTRADA

Na manhã do vigésimo-primeiro dia  
da brotação de tuas penas,  
senão por detrás dos muros da palavra, sob  
que outras máscaras escondemos os afazeres do eterno  
dentro do efêmero sonoro das horas? Tempo virá  
em que o rosto humano irrompendo de sua razão, entre  
[perfume e chuvas,  
refulgirá, pleno e humilde, não mais das cavas de  
[seus espelhos,  
mas na seara comum onde os desígnios se repartem  
e os sonhos se organizam nas tulhas da aurora,  
à sombra de Deus. E o sangue espiritual do mundo  
recomeçará a circular nos batimentos ritmados em  
que te pões a dançar. No comércio do tempo, é o fervor  
[que te sobrevive.

Na tarde do vigésimo-primeiro dia  
da brotação de tuas penas  
quando muitos desertam no limiar das possibilidades,  
cabará a ti, enquanto a lua purgar a noite  
e o sol germinar o dia, continuar o manto tecido  
dos sentidos, ponto a ponto, na rotação dos fusos,  
até alegrar-se a esperança com o dia de amanhã.  
E o vestido que teces há de acolher as horas,  
cortejando-as de pedras e palavras lapidadas,  
[rebanho  
de perguntas em marcha. Senão o sonho, argila  
[e sangue  
que podes compor com outras mãos, muitas mãos

solidárias, o que mais podes alicerçar na rocha?  
Na noite do vigésimo-primeiro dia  
da brotação de tuas penas,  
quem vai mais longe, de uma palavra a outra,  
e de mais longe busca os princípios de tudo,  
busca a água, os alívios, senão o poeta, cego  
de nascença, com os cabelos em chamas?

A casa que buscas é a mesma casa que abandonas,  
estando nela. E o sonho que não se evapora do suor  
das mãos, de tantas mãos esquívas, e paira  
[como nuvem  
sobre a comunidade dos pães, é um sonho que  
[acordou  
para dentro, não aprendeu a andar, erguer os punhos.  
E é do fervor que a graça se revela, mas só a palavra  
[permanece, a memória do mal.

## EIS A VIDA

Eis a vida, os pressentidos  
da alegria, tudo o que se emprenha,  
o pão, o cheiro do café,  
a inocência do futuro,  
as manhãs boas, as tardes néscias:  
e que a vida se alforrie  
de tantas fomes, de tantas mortes,  
de rir depois das cicatrizes  
antes de o sol se pôr  
à demência da noite  
e se reconcilie com as vinhas  
da palavra, ébria na sinfonia dos ventos,  
na cizânia do corpo e da alma

como duas metades da mesma laranja  
que se libertam, e respiram pelo fogo  
e pelo ar, pela seiva que espuma  
da lenha a arder, pelas cinzas,  
pelas sementes que voam nas painas.  
É quando as falas contidas do desejo,  
e enfunadas no peito, sob os tambores,  
se desfraldam por um sonho conquistado.  
É quando tua loucura começa a ser feliz  
pela vez primeira, e a vida está fora  
de ti. É quando aprendes que a fome  
que te sustenta é pão e destino  
de teus inúmeros espíritos,  
e anda, a fome, em alvoroço e descalça,  
sobre as águas de tua alma.

## LIVRO DE PRECEITOS – 12

Condena-te  
sempre a voar mais alto,  
mesmo com uma asa partida.

Vendemos por migalha  
o tempo de que somos feitos,  
e compramos sonhos alheios.

Os deuses amam  
os que são feitos do barro  
que não se deixa amassar.

Não cales a dor,  
sê justo com ela.

A dor aponta caminhos.

Se não te deixas domar,  
é para que não te montem.

O tempo conspira  
contra os que testemunham calados  
e não revidam.

Antes que apodreça,  
questiona o morto dentro de ti  
pelos poderes que recebeu  
e não gozou.

Não há fortuna maior  
que a solidão.  
Ali sonha a serpente,  
traspassada de sol.

Não queiras,  
sempre que amanhece  
até sumir-se o sol,  
arrancar o melhor de ti  
do suor dos outros.

Povoa-te de coisas efêmeras,  
se não és capaz de eternizar-te.

Alegra-te  
com a vida não passada em vão.  
Apalpa tuas cicatrizes.

## SOU HOMEM

Sou homem.  
E o sonho me pesa,  
até aleijar-me as pernas.  
A Terra toda não é o homem.  
O homem todo não é a Terra.  
No torvelinho cósmico  
ele é um cisco ao sol,  
é fezes de outro homem  
que o devora,  
por tese, ou moeda, ou ascese.

Sou homem.  
E o sonho me liberta  
as pernas. Até alar-me.

Sou homem e hecatombe.  
Tenho nome e sobrenome.  
Sou gentil-homem e lobisomem.  
Vago a esmo  
no corpo de outro homem  
de mesmo nome.  
Sou presa de um deus  
que não crê em mim.

Sou homem.  
Assim é que eu vivo.  
Por não rastejar  
com as gengivas,  
ou esconder os dentes

da palavra, ninguém  
não me cala o revide,  
a rebeldia.



## O AUTOR

Paulo Roberto do Carmo nasceu em Porto Alegre, em 1941. É poeta, professor e tradutor. Tem participado de diversas antologias coletivas no Brasil e em Portugal.

Recebeu o Prêmio Nacional de Poesia Alphonsus de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional, em 2000. Finalista do Prêmio Açorianos, cidade de Porto Alegre.

Diz o poeta: “Escrevo porque não posso esconder o sol dentro da alma, nem a palavra calada. Escrevo porque entre o homem que colhe e o que semeia, há um homem que sonha o peixe, o pão, o vinho, os alimentos coletivos da alegria, da liberdade, da justiça, a arte de tornar-se humano mudando não apenas a aldeia, mas a mim mesmo. Essa obsessão de libertar a alegria que se aprisiona dentro das palavras, é para aprender a exumar-me de minhas cotidianas mortes.”

## LIVROS PUBLICADOS

*Crisbal, o Guerreiro* (IEL/RS, 1966);  
*Estação de Força* (IEL/RS/Movimento, 1987);  
*Breviário da Insolência* (Massao Ohno/SP, 1990);  
*Livro de Preceitos* (Nejarin/ES, 1993);  
*Trajétoria Poética* (IEL/Movimento, 1994);  
*Livro das Manhãs* (Parlenda/RS, 1997);  
*A Revolução das Aprendizências*, com Vilmar Figueiredo de Souza (Unisinos RS, 2000);  
*Arte de Revidar* (Unidade Editorial/PMPA/, 2000);  
*Crisbal, o Guerreiro* (versão 2002, IEL/Corag/RS).

### **Tradução**

*Princípios de Crítica Literária*, de I. A. Richards,  
Ed. Globo.

## ALGUMAS OPINIÕES SOBRE A POESIA DE PAULO ROBERTO DO CARMO

“Paulo Roberto do Carmo, cuja palavra grave foi assemelhada a ‘uma raiz que fecundasse a terra de auroras e ressurgimentos’ (...). Há luta em todos os recantos do poema.”

DYONÉLIO MACHADO

(...) “Está algo dizendo-me que sua economia verbal é usina de qualidade – associada a algo que não é freqüente, a luminosidade. A coragem de não abdicar de uma convicção – a de que, como homens, sejamos deuses ou sejamos nada, nada somos se não reivindicarmos para todos o que queremos para um só que seja de nós – faz de sua poesia algo eterno, indo às fontes, pois nas fontes até o lírico é social.” (...)

ANTONIO HOUAISS

(...)“Os núcleos com que se mune, (...), se constelam em rebeldia, motim, cavilação, conjuras, privação, forjadura, viseira, sublevação, batalha. Seus vocábulo são ferrenhos, como fio da espada desembainhada. Livro de verbos em rotação, todo o texto ruma para a luta sem quartel em lugar nenhum. Ou em todos.” (...)

CARLOS NEJAR

(...)“Carmo é um criador de palavras duras, ásperas, preocupado com o social, convicto de que o verbo é um ato de guerrilha.” (...)

JUREMIR MACHADO DA SILVA

(...) “Cabe ao poeta manter desperta a consciência e compartilhá-la com seus irmãos.” (...)

EDUARDO ALVES DA COSTA

“Há invejas que são boas porque feitas de espanto e admiração. Leio teus poemas e me entonto na sinfonia visual das metáforas que giram em torno de um ícone-corifeu a construir-se, sempre o mesmo, na diversidade coral dos poemas. Eis a minha inveja de aprendiz eterno que nunca chegará lá-onde-a-metáfora-só-se-refere-a-si-mesma, pois tudo mais, é literatura e prosa pragmática.”

RAUL MACHADO

“Um poema é indivizível. Um livro, intransferível. Mas em certas circunstâncias podemos dizer : este livro, somente este poeta, poderia conceber e realizar. E isto numa visão mais ampla que o mero caráter literário. Estamos então no terreno da dimensão humana. Só um homem solidário, de grandeza interior, alheio a redemoinhos do que é fútil, poderia constituir o ‘Livro das Manhãs’. Trata-se de uma oração. Sim, como todo grande poema. Mas o que existe aqui é um sopro de vida. Eis PRC, como irmão dos padecentes, espargindo o bálsamo milagroso da poesia sobre as dores do mundo. ‘Lutando saberás que não há derrota possível’.. Essa é uma canção de despertar para a vida, pois

‘quem aprende a suportar, já pode amanhecer’. Mas não é este o cântico da aceitação da morte. É sim, sua recusa. ‘É preciso revolver as brasas, atijá-las, senão de cinzas se cobrirá o coração’. Este é também o livro do tempo. ‘Criar é medir forças com o destino’.” (...)

LUIZ CORONEL

(...) “Negando-se a contemplar o mundo, seu canto é coletivo, voz do homem que resiste ao próprio desamparo. Poesia social é um grito de guerra que se nutre e ampara na esperança.”

LÉA MASINA

(...) “PRC é um impressionista francês mesclado a um trovador medieval. Parece que ele está cavalgando com uma bandeira de vitória na mão. (...) Gosto da vitalidade de sua poesia, do denodo (...)”

WALMIR AYALA

Nos famosos “Cadernos de Cultura”, publicados pelo Serviço de Documentação do antigo MEC, a partir dos anos de 1950, o diretor da coleção, José Simeão Leal, incluiu alguns pequenos livros intitulados “50 Poemas Escolhidos pelo Autor”. O primeiro deles era de autoria de Manuel Bandeira, e em seguida vieram, entre outros,

os de Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Ledo Ivo e Emílio Moura.

Foi em homenagem a esse esforço em prol da poesia que esta editora retomou a idéia do Professor Simeão Leal, para apresentar, com o mesmo título de “50 Poemas Escolhidos pelo Autor”, estes livros de poetas de tendências as mais diversas, de várias partes do país.

Este livro, vol. 21 da Coleção “50 Poemas Escolhidos pelo Autor”, foi digitado em programa Word e paginado em PageMaker 6.5. Para o miolo usou-se papel offset de 90 g/m<sup>2</sup> e para a capa cartão de 250 g/m<sup>2</sup>. impressão e acabamento foram realizados no Rio de Janeiro, pela Acerto Gráfico e Editora, com filmes fornecidos pelo editor, concluindo-se os trabalhos gráficos em dezembro de 2006.